



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

27 DE JUNHO DE 1959

ANO XVI—N.º 399—Preço 1\$00

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS

Facetas de uma vida



U conheci Padre Luciano na Missa Nova do nosso Padre Baptista. Fui testemunha, então, da alegria de Pai Américo ao rever, depois de tantos anos, o querido companheiro do Seminário. Os olhos brilhavam-lhe enquanto o abraçava e os seus lábios soltavam um arrastado: «Olha o Luciano!...»

Pois é Padre Luciano, há cinco anos ainda Prior no concelho de Pampilhosa da Serra e hoje no de Condeixa, quem vai desfiar as suas lembranças «destas coisas tão íntimas que não merecem ser tidas em conta»; mas que, «em todo o caso, por amor de ti (Padre Baptista) e dele, aí vão».

Ora, justamente porque muito íntimas é que estas lembranças são tão preciosas de sabor!

1.º — AQUELE FIDALGO.

Lembra-me como se fosse hoje. Estava nos últimos anos de preparatórios. Iamos a sair de passeio. Olhávamos com curiosidade aquele fidalgo que nos fóra dado por companheiro.

Não tinha ainda a indumentária de seminarista e, por isso, envergava as suas roupas claras e principalmente aquela gabardine «cegava-nos». Não parecia à vontade, por assim trajar, pois há pouco despira o burel franciscano. Mas que bem lhe ficava aquela roupa! Era homem, como ele dizia mais tarde, a rir, que sabia pisar alcatifas.

No passeio havíamos de conhecer o fidalgo... Porém, à saída, logo é procurado por alguns amigos, seus antigos companheiros de África—soube-lo mais tarde. E nunca mais o vimos à civil.

2.º — O CONFIDENTE

Tinha idade para ser nosso pai mas ganhámos-lhe todos tal amizade que, em breve, nos tratávamos por tu.

Nos recreios, ambicionávamos estar junto dele. A sua experiência ensinava-nos tanta coisa... Não desprezava ninguém. O seu coração para todos estava aberto.

Lembra-me duma aula de Teologia em que nem o Professor me compreendia nem eu compreendia o Professor. Esperava ser chamado a certa lição e gastei, a preparar-me, nove horas. Podia sabê-la de cor. Afinal não saímos da epígrafe!

O condiscípulo Américo, à saída da aula, puxa-me e vê as lágrimas de desespero, caindo em grossas gotas, dos meus olhos de vinte anos. Arrastame ao seu quarto na «Casa nova», ouve a minha história, limpa-me o pranto, fala com o Professor... e tudo mudou.

Sobre a palavra «chatice» e contra ela, prevenia-nos de que já tinha aparado lágrima

mas amargas a um que a usava muito. Pelo que se vê, sabia e gostava de aparar lágrimas.

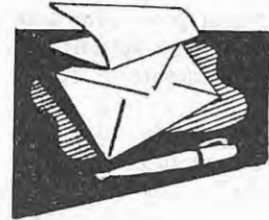
3.º — O COMPANHEIRO

Na colónia de férias de Buarcos, o Américo era a alma das nossas diversões. Aquelas fotografias são preciosas.

Dum passeio às docas da Figueira, regressávamos a Buarcos numa traineira. O Gaspar (Professor José Maria Gaspar) teimou arrojadamente ir no «dóri». Nessa viagem tornou-se mais branco... Estava à carga um barco inglês e dissemos ao Américo: «fala para eles». Não se fez rogado e dizia depois: «eles, a falar inglês, são como os nossos provincianos a falar português». E acrescentava modestamente: «falo e escrevo mais à vontade o inglês que o português».

Por esses tempos, ainda pouco se falava em telefonia.

continua na página quatro



Uma Carta

é

Américo, também, o signatário. É Padre e o seu coração transborda solicitude, como é o próprio dos Pais.

Outras vezes temos dado aqui notícias suas. Uma delas foi uma reportagem fotográfica que dizia eloquentemente da miséria que é por lá.

Agora anda a «estudar» pelo «Doutrina» e pelo «Viagens». Já lá tem «Barredo» e «Pão dos Pobres». Bom «aluno», como se revela em sua carta, depressa seria mestre, se o não fosse já.

Deus lhe pague a lição, meu Padre, que nós guardamos aqui como um documento sacerdotal.



m

EU querido Padre Carlos:

Como está? — Consegui em Braga o «Doutrina» e o «Viagens» que estou a estudar. Se tem ainda exemplares doutras obras do

Padre Américo queira mandar-mos à cobrança. — Queima esta leitura!...

Não sei se já lhe disse que os 50 contos para reparações já vieram... mas isto não chega a nada para se fazer bem feito o que se faz. — Olhe, em pleno e rigoroso inverno certo cavaleiro expulsou uma família dum casebre que supunha pertencer-lhe. Chovia. Chegou o tribunal. Ninguém em casa. Colocaram tudo no caminho. Um soldado da G. N. R. de lágrimas nos olhos! Chegou a família — vítima. A mulher grávida de 8 meses. Exemplar. Recolhe tudo humedecido no sótão duma casa, por esmola.

Sendo pedreiro começa — (antes e depois do seu horário de trabalho) — a cortar perpeanho. Abre alicerces no monte em local que a Junta marca. Sôzinho com a Mãe de 65 anos e a mulher, conseguiu levantar a casa até às padeiras do rés do chão. Não tinha pão. Comiam caldo — «umas couves a nadar!...» Gritam os que passam: «O Esmeraldo mata-se» — «trabalha tanto e não tem que comer».

Fui lá! Indiscritível! Comecei e acabei. Na p. f. 6.ª feira — benze-se, entroniza-se o Coração de Jesus e Maria — e sai do sótão! — Gastei 14 contos para ficar habitação humana.

Ontem, dia lindo! — as crianças (250) levam da Igreja em andor a 1.ª pedra para os alicerces do 1.º bloco de 2 casas do Património. Antes falei. Cobriram a pedra de moedas — 80\$00! — Dinheiro dos pobres! — No local benzi. Expliquei. Todos merendaram. Eram 300 crianças e pobres.

Já lá tenho a maior parte do material. Vou tentar uma obra relâmpago. A minha confiança é pouca. Não aparece ninguém. O «incêndio» não pega por estes lados!

É obra de Deus e do Pai Américo.

Desculpe tudo isto. Tem aqui uma casa para descansar.

Não esqueça na sua linda Capelinha o seu

Padre Américo.



Eu que não conheço nada de papéis, fui tratar do exame do Batata, como adulto. Prazo terminado, muitas certidões, um selo de cem escudos e muito tempo à espera do exame. Aconselharam-me a ir falar à entidade superior. Fui. Muitas atenções, dispensa de papéis selados, tempo aproveitado e tudo pobre como nós. Numa palavra: confiança e amizade.

Ora aqui estão duas grandes armas que suplantam todos os estorvos da actual vida burocrática: confiança e amizade.

Os papéis também são precisos, mas só na medida em que o são. Geralmente estão a usar-se como fonte de receita: é o selo e o timbre. E parece que isto é o mais importante!

O pobre, não se aproxima e afasta-se. Fica tudo caro. Há quem se tenha queixado que exigem papéis demais e ciência de menos.

Era tão bom que se fizesse uma campanha nacional contra a papelada como a que se fez e se está a fazer na instrução contra o analfabetismo!



Como tinha necessidade de uma certidão para um dos nossos rapazes fui procurá-la à respectiva repartição pública. Na sala não havia um palmo livre e no corredor era uma bicha. Olhei e segui para outra sala e indicaram-me que era na primeira, que esperasse vez. Disse que tinha muita

necessidade e informaram-me que se fosse urgente era mais caro e demorava 4 dias. Fiquei-me a olhar para tanta gente à espera, aos apertões e a pensar nos dias da demora. E este mal é corrente. Os funcionários já se habituaram a perguntar: «se é com urgência».

Urgência nos passaportes, nos bilhetes de identidade, nas certidões, nos diplomas; é moeda que começou a correr; um estado de coisas que não está certo; taxas sobre taxas; tempo perdido; ambiente de desconfiança. A urgência havia de partir mais das pessoas que atendem do que das que são atendidas. Por vezes temos visto em amontoados de pessoas e lá dentro dos gui-

chets, funcionários a conversar ou a ler o jornal despreocupadamente. Falta de responsabilidade; incúria de consciência.

continua na página quatro

Pedia em uma Igreja de Lisboa. No fim de uma das Missas, ele aparece à porta da sacristia, preso à sua bengala, muito digno no seu fatinho domingueiro, que herdou, por fora de uso, de algum henfeitor.

Há muito que nós não nos víamos, mas somos amigos velhos. Tanto... «que tendo sabido que o menino estava aqui, eu vim com o meu vagar por aí fora».

Velhos amigos, sim. Porque velhos, eu continuo menino para ele. Não é falta de respeito. É a ternura que nasceu no meu tempo de calções que o não deixa ver alguns cabelos brancos e o mais que a grande responsabilidade me fez envelhecer.

Velhos amigos, sim. Porque amigos, tendo sabido que eu estava ali e não me vendo já há muitos anos — «vim com o meu vagar por aí fora».

Falámos: do filho que, graças a Deus, tem andado com juízo; da nêtinha, que é o seu maior encanto, e quase está uma mulher.

No fim agradece-me. «Eu ouvi-o falar. Obrigado pelo que diz de nós».

Este «nós» quer dizer os Pobres. Ele sente-se solidário com todos. Graças a Deus e ao seu aprumo, hoje, não lhe falta o auxílio para o indispensável. A Caridade basta-lhe. Mas ele conheceu já relativa abundância e depois a miséria, consequência da doença que o invalidou.

Sabe que a muitos outros a Caridade não chega ou não é suficiente. Daí... o seu «obrigado pelo que diz de nós». Obrigado pelo nosso apelo à Caridade dos Cristãos (ou que se dizem tal...) em favor da realização da Justiça, que é sempre o tema das nossas pregações.

Não sei se é por estarmos habituados também a muita ingratidão que aquela visita e aquele obrigado nos deu tanta alma.

O que é certo é que o cansaço das homílias feitas desapareceu. E o resto daquela manhã senti vigor como há muito não.

★

Foi ontem, no escritório de Pai Américo. Bateu levemente na porta e entrou, mais acanhado que outras vezes.

Conversámos um pouco. Eu sentia que ele tinha alguma coisa para dizer.

— É a primeira vez que venho aqui pedir. E ainda não era desta, se não fosse andarmos aos cinco dias e o ordenado ter passado de 30\$ a 25\$...

Eu sabia já que a camionagem de aluguer está sofrendo crise de trabalho. Ele não se queixou.

— O patrão é meu amigo, mas nós bem vemos que não havendo que fazer... Uma camioneta ao sair da garagem já conta 180\$00 cada dia. São muito pesados os encargos dos alugueres a gasoil...

Ele não se queixou de ninguém. Defende, mesmo, o patrão, com alto sentido de justiça.

— 150\$ por semana o que é, para aluguer e comermos e vestirmos, a mulher e os dois catraios?

Moram num quartito num arredor do Porto.

— O pequeno já tem onze anos e a miúda nove. Tenho de passar eu a ficar com ele e a mãe com ela.

A angústia e o sentido de responsabilidade perante as

POBRES

condições promiscuas em que vivem!

— Mas quem pode com uma renda maior, se já esta?...

E veio finalmente a confiança.

— Tenho a vida atrasada em duzentos escudos. Se não fosse o trabalho aos cinco dias e a quebra no ordenado, a gente cá se compunha e ainda não era desta que aqui vinha...



VARANDA de Beira

NO terreiro fronteiriço à capela andam os da padiola, carregando saibro. É a hora do trabalho. Este faz parte integrante da vida da Casa. Na verdade, que seria isto por aqui sem o trabalho? O que era e é, onde o lazer constitui profissão.

Ao cruzar-me com os pequenos, um deles mira-me de alto a baixo e abrindo os olhos aponta para a batina. — «Está rota» — «Rota, não» — emendo eu. «Remendada, isso sim».

Ora, gosto de andar remendado. Aprecio deveras os remendos. Muito mais, quando bem deitados. Deliciosos e expressivos os que os Pobres botam por vezes na roupa dos catraios e na própria, em horas estivais ou ao serão de invernos compridos. Sem dúvida, valores ganhos duplamente: roupa que se não põe de lado, e tempo que se não desperdiça. Os remendos são até o distintivo dos Pobres.

Grande remendo é a Obra da Rua, como o é afinal a educação ministrada aos rapazes, conquanto natural, nunca a natural que é a do leite das mães. Por isso mesmo, temos razão para estimar os remendos.

Porque alto apreço lhes dou, tenho pena que hoje em dia haja quem não possa ostentá-los sob pena de escândalo. As convenções sociais gozam de força incrível em matéria de indumentária. Já não falo da obrigatoriedade de mudança de vestuário pela manhã e à noite. Nisso se resume o último parágrafo da ordem. Digo antes, da exigência ridícula de toilette impecável, sempre nova, sempre diferente, consoante o modelo mais recente que o figurino determina. Refiro-me à qualidade sempre de primeira em quanto se apresenta. E a tudo isto acresce, quase

Lágrimas contidas com muita dignidade, davam brilho aos seus olhos.

— Não é por boa vida. Olhe! E mostrou-me as mãos profundamente calejadas.

Um rapaz novo — trinta anos... — cheio de trabalho e de desejo de mais — para se bastar, para não incomodar ninguém!

Que padrao o mundo em que vivemos, tão cheios do «espírito» do Mundo!

Na véspera tinha estado Família amiga. Deixaram lembranças a muitos títulos e também quinhentos pró Barredo.

Falou-se até do Barredo; que de nome próprio se tornou comum. Barredo é lugar de aflição e de miséria.

Pois foi Barredo, ontem, no escritório de Pai Américo. A lembrança daquela Família amiga teve ali o seu destino.

Os olhos dele embaciaram mais com o excesso sobre o seu «atrado de duzentos escudos».

sem acepção de pessoas ou classes, a proibição intransigente do remendo. O homem é escravo de intimações profanas. Quantos não vivem na amargura desta sujeição! A moda, o bom tom dita e todo o mundo se submete. Não há quem recalcitre. Ai até de quem se atrever! É anacrónico e abencerragem. Só tenho pena, repito, de determinadas classes na sociedade a viverem oprimidas por coacção tão forte e geral: quantas vezes a sacrificarem ao acessório e convencional o indispensável e necessário à vida. É o caso da grande parte da classe média, e até da pobreza, sobretudo envergonhada. Perdeu-se a simplicidade. Impera aqui e além o snobismo. Este quer parecer bem, deitar figura, aquele tem medo de revelar quem é. E, em boa verdade, a sociedade às vezes não deixa. Quer os seus membros refinadamente apresentáveis, mais do que geralmente podem. Muitos há que, a cada promoção de serviço, são obrigados a mudar de casa; a cada aumento de ordenado coagidos a novo modo de trajar. Registro, porque frisante, a queixa de um pai de família: — «A minha filha, quanto ganha, tudo gasta com o vestir». — É triste mas verdadeiro. Deixa a mulher seu lugar de mãe e esposa para somente obter no emprego os meios com que sustentar os caprichos da moda.

Há quem pretenda enfiar a fralda da camisa dentro das calças dos nossos rapazes. Qual quê!... Ela solta-se de novo. Depressa fica ao léu.

Se cada qual fosse em toda a parte aquilo que é na realidade, que bem! Mas não. Que pena!

Padre Baptista



Há tanto tempo que não vos conto os reflexos das doações que entram no fundamento da Obra da Rua!... Reflexos sim. Nós só apreciamos os reflexos. Que a essência, o miolo, o precioso, esse é com Deus. Pai Américo, agora lá em Cima, terá grande alegria pela Obra que motiva tanta glória a Deus!

Nós só apanhamos os reflexos, o perfume. Quantas dívidas que os nossos devedores contraem e nos pagam sem nós sabermos?!... «Lembrei-me ontem das minhas dívidas para consigo e aqui tem: 500 dum aumento de ordenado, 200 de outras obrigações mais 200 prós 30.000x20\$ da minha família e mais cem». E nós recebemos, humilhamo-nos, damos graças ao Senhor e pedimo-vos que as deis connosco.

Começo em Janeiro a registar. «Uma dívida aos pobres em agradecimento a Deus», cem. Dum Clube de Setúbal, 400\$00. Para os pobres, cem, por três vezes da «Aflita n.º 2» de Cascais. 50 de Ema Casais e quinhentos de Stanleyville.

Dum Senhor enlutado, cem. Da Andorinha cem por duas vezes e as costumadas prestações mensais. De M. M. do Porto, cem, por mês, para os pobres. Duma Senhora amiga, vinte por quinquena, quinhentos duma vez e dois fatinhos pró nosso mais pequenino.

Para os pobres duzentos do Senhor Tojal e cem por três vezes da «velha do Porto» e vinte dalguém que pede a ajuda de Deus prós seus filhos. A um vendedor 30+10+20+10. Em S. Julião, cem. Da S. A. P. E. C. 500\$. Visitas cem; de Lisboa o mesmo por duas vezes; e ainda o mesmo, do mesmo sítio, de M. F. Mendes. Duma Rosa vinte e de Almeirim 150 e do L. da Portuguesa, cem; duma ourive-saria cinquenta.

Oferta do pessoal duma companhia eléctrica, 104\$00. Como

tem valor esta oferta da gente trabalhadora! E se os empresários colaborassem na mesma proporção? — Seria ainda maior a glória de Deus e ninguém ficaria excluído desta honra. Duma Júlia, 33\$50. De S. João da Madeira: «Estou aqui a penitenciar-me com cem». É uma doação, um sacrifício! A Obra da Rua é o meio. Uns penitenciamdo-se, outros agradecendo, outros impetrando, cada qual conforme o seu apetite e necessidade.

Duma herdade seis mil. Porque não seguem todas as grandes herdades do exemplo desta? Todos os anos se cotiza e manda pagar a nossa casa a sua cota — seis mil!

Os vicentinos deixaram-nos mais de 1.100\$00. Uns noivos, no dia do seu noivado, vêm fazer nos meus filhos a consagração dos seus, — 500\$00! Que Deus os consagre! De passagem por Alcácer bati à porta dalguém que me pôs na mão mil. Dum analista que veio por rãs, cem. Duma doente no Outão, mais cem. No Setubalense um fato e cem da costumada anónima. Conservas da Lina da Silva, Gargalo, Fidalgo, e Marques Neves. Roupa e calçado por muitas vezes aos vendedores e estudantes. Vinho e azeite que nos deram e fomos pedir.

Dum setubalense residente em Lisboa 200\$00 e mais cem da Índia arrancados às necessidades dum Alferes que ali serve Portugal! Mais cem de Lisboa prós pobres. Vinte e 50\$00 dum amigo. Duzentos «por uma graça recebida». Da Maria Angela, 282\$70 prós pobres e mais cem duma filha de Setúbal em Vila Viçosa! Há tantos filhos de Setúbal por esse mundo além que nunca se lembraram de nós! De Beja por alma de um ente querido 50\$00 e da Cova da Piedade cem. Pela Páscoa muitas amêndoas e mimos!

Padre Acílio

BELÉM

«Uma casa de família para as sem família».

Deus é Caridade e não ter caridade significa viver à margem de Deus, excluído da participação na própria vida divina.

«Amai-vos uns aos outros como Eu vos ame!» — é um preceito imposto pelo Senhor Jesus a todos os que crêem n'Ele.

A Fé e a Esperança são necessárias ao homem, enquanto peregrina sobre a Terra, mas quando for a encontrar-se face a face com Deus, a visão directa da Verdade e a posse plena do supremo Bem, dispensarão completamente aquelas duas virtudes teológicas e só a Caridade prevalecerá e o levará a mergulhar no oceano do Amor Divino, que o fará venturoso por toda a eternidade.

Sendo dever de todo o cristão amar ao próximo como a si mesmo, grande ajuda prestamos

uns aos outros quando nos damos mutuamente a oportunidade de traduzir em Obras esse amor.

Por isso, não só me deixou reconhecida mas também cheia de alegria o facto de nestes últimos meses ter Belém recebido colaboração de várias pessoas de Viseu, que aqui vieram espontaneamente oferecer os seus préstimos. Algumas Senhoras levaram para suas casas e fizeram lençóis, colchas, cortinas, almofadas, etc.. Sem a sua preciosa ajuda não poderia a pequena casa de Belém apresentar em Domingo de Páscoa aquele ar de arranjo e de festa. Curioso é notar que se trata de donas de casa e quase todas casadas. Mãe de família é também a Senhora que tem agora vindo passar com as «belenitas» grande parte das tardes, a ensinar-lhes a arte de manejar

Agora

«O meu sonho eram cem casas. Não pode ser... Ao menos dez deixo ficar feitas. Cinco já estão erguidas. Tome lá as outras cinco». E pousou em minhas mãos pecadoras 60 contos.

Isto passou-se numa destas tardes de tempestade de ainda há pouco. É um homem idoso, modesto. Deus levou-lhe a mulher e os três filhos. Ficou sozinho. Poderia ter maldito a sua sorte... Não senhor. O afecto que consagrava aos seus, transferiu-o ele para o Próximo, para os caídos à beira do caminho, junto de quem têm passado *sacerdotes* e *levitas* que seguem o seu caminho; mas este não: qual bom samaritano, pára, ajoelha e agasalha.

A gente fica sucumbido diante de tais grandezas. «Olhe, eu passei o meu negócio. Fiquei com um pecúlio que deve chegar até ao fim da vida. Mas puz-me a pensar: — Já poucos anos cá estou... O que tenho chega. Isto não me há-de fazer falta... E assim levo a alegria de 10 famílias abrigadas».

Um homem modesto, de condição e de fortuna; um homem de Fé — que se desfaz, *agora* (6 palavra de vida!); não deixa aos seus herdeiros o cuidado das suas últimas vontades.

Como eu sorvi, esmagado e encantado a um tempo, o significado profundo do título que encima esta coluna: AGORA!

O palavra de Vida!

A *procição* prossegue. É uma Professora Primária com o seu aumento de ordenado: 559\$40.

E Ana de Bulawaio, mais vezes aparecida por aqui, com

duas libras. E 50\$ e um lençol da Esmeralda do Hospital de Santo António. 8.500\$ do Porto, e «não é necessário dizer nada, nem mesmo em «O Gaiato». Ó confiança! E 50\$ de Alcaíns e 40\$ não sei donde.

Das Casas para que vários concorrem, a da *Senhora do Carmo* com mais 20\$ e a dos *Licenciados* com mais 150\$.

Surge agora o pendão certo dos trabalhadores e dos de todos os meses. Pessoal da HICA, mais o do Grémio da Panificação. O Manuel da Corticeira. Do Funchal. E «o do tabaco a menos no mês findo».

«A maioria do pessoal da Delegação das Novas Instalações para os Serviços Públicos, cotizou-se durante dois anos tendo conseguido obter a verba de 7.894\$00, que muito gostosamente remetem para lhe ser dado o destino que entender embora, inicialmente, se tivesse admitido a possibilidade da importância que se obtivesse ser aplicada numa casa do Património dos Pobres».

Pois cá vai ela.

Casas por inteiro.

As alunas do Liceu Rainha Santa Isabel vieram por aí fora e deixaram a 3.ª casa. Entrega muito modesta, muito simpática, com a esquerda muito escondida... e esquecida e portanto, sempre com desejo de rápido regresso. Nenhuma condição, apenas um gosto: que as casas fiquem agrupadas por ciclos (2+3+2) para que as alunas possam sentir melhor o fruto da sua caridade. Não há dúvida que as Professoras do Liceu

da Rainha Santa são Mestras.

Um casal resolveu um problema caseiro e fez sociedade. E aí temos a «Casa Avô Ferreira» que há-de ficar, se Deus quiser, paredes meias com a «Casa Avô Joaquina».

Do Chinde, a «Casa Que Deus lhes perdoe». Diz S. Agostinho que são as duas formas mais concretas da Caridade: O socorro aos Pobres e o perdão das ofensas. Este é mesmo a condição do perdão de Deus.

E a *procição* fecha com a sempre frequentada irmandade dos das casas a prestações.

«Casa dos Grilos» — primeira de 500\$. Três vezes mais — 3.ª prestação da «Casa Ao nosso Filho». E a 4.ª de 370\$ da «Casa Ana e João». Helena com as prestações de Maio e Junho. E «o do plano decenal». E outra 4.ª com o desejo de «que Deus me ajude a levar ao fim uma casa». Mais 200\$ da M. Luísa, que fica em 3.300\$. Mil para o fecho da «Casa por alma dum José» — «Bendito seja Deus que me deixou chegar ao fim». E a seguir vieram mais 100\$, «para ajuda do recheio».

17.ª e 18.ª da «Csa Avô Ema». 8.ª do casal assinante n.º 28.562. Mais mil da «Casa Visitação». Vinte para a «futura casinha» «Canção do Mar». O *grão de mostarda*.

Para a «Casa de N.ª S.ª de Fátima» 6 contos. É a segunda presença do «Pobre Pecador».

Cem de Maria: «Deus sabe quanto gosto teríamos de a ver erguida de repente! Talvez Ele entenda que assim é melhor, para sentirmos bem o gosto de dar. E uma esperança nos anima: que nunca nos faltará a «migalha» que lhe enviamos e a vontade de ajudar».

A 33.ª do assinante 6.790 e mais uma para a «Casa do António e do Fernando».

Aparecem pela primeira vez a «Casa do Emigrado» com 250\$; a «Casa à minha Mãe» com 100\$; e outra «Casa de minha Mãe» com mil.

A 2.ª prestação de 4 mil para a Casa «A nossa paz» — fruto da sociedade de Pais e filha.

E finalmente, o nosso *correspondente* da «Casa de N.ª S.ª da Espectação», que há tanto já nos não dava notícias:

«Segue com esta um vale com a prestação do mês de Abril. O que vai a mais do costume é para pagar a prestação de Março que não enviei. Ainda fico a dever 500\$00 que irei pagando com as outras prestações.

Deus seja louvado, já vou quase nos onze contos.

Louvado seja, porque me tem dado possibilidades; louvado seja porque me tem dado força de não gastar em meu proveito aquele que posso dispensar e que portanto, verdadeiramente, me não pertence; louvado seja porque me dá muito mais do que eu mereço.

Por tudo e para sempre:
Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!»

CHALES DE ORDINS

Há uns meses que os «chales» não aparecem no *Famoso*. Sua correspondência foi-se amontoando, aos pouquinhos. Não quer isto dizer que as «férias forçadas» tenham terminado, mas sempre é alguma coisa do muito que precisamos o que ora vem a lume.

Têm a palavra os de mais longe. A Beira vem por dois «Deus permita, quando esta aí chegue, já tenham terminado as «férias» em Ordins». A letra é conhecida. O irmão do Júlio Mendes torna por mais outro. Esperando o seu terceiro filho, ele aqui vai. Palavras quentes de simpatia chegam da Ilha de Moçambique. Louvam a «boa vontade e trabalhadeira para que as tecedeiras tenham trabalho e não esmola». Não vinham só palavras. Foi entregue o chale a uma pobre, conforme seu desejo. Seguem aqui também a Lépi e Luanda, ambos de Angola, a-parado Funchal, Porto da Cruz e Ribeira Brava, da Madeira. E estas palavras dum vicentino madeirense tão amiga de Ordins: «Gostaria imenso de ajudar as tecedeiras; quando leio *O Gaiato* fico com pesar, mas tenho a Conferência com tantos encargos e além disso quero construir uma casita para uma família numerosa, mas que afinal não sei quando é principiada. Apenas temos 3.600\$ e 15 sacos de cimento. Estou a contar com a casa de chá para S. Pedro que costuma dar mais do que isso».

Comece. Não espere pelo S. Pedro. Alguém tropeçará nas pedras levantadas e acabará a obra com o seu sangue. Assim costuma ser e só assim é que vale. O recorte de *O Gaiato* de 14 de Outubro de 1950 enviado traz palavras de ouro de Pai Américo que jamais as Conferências podem esquecer: «Todas as festas de qualquer carácter profano que se façam em nome de uma Conferência de S. Vicente de Paulo, constituem falta grave e colocam os seus promotores em perigo social; o Pobre não pode ver com bons olhos que alguém coma ou beba ou se divirta à custa da sua imerecida penúria. Há só uma fonte de receita perene e abundante, com força de santificar os interessados: chorar com os que choram; fora disto, é tudo mentira».

Aquele casal de Lisboa que ora se encontra em Luanda tem sido fiel à sua encomenda mensal, constituindo um belo exemplo para tantos que podem, em favor de tantos mais que muito precisam.

Lisboa é, sem dúvida, a cidade que mais gasta de Ordins. Abre o cortejo uma criada que escreve: «Pedrógão do Pranto recebeu ontem os chales e as crianças que os esperavam rejubilaram de alegria, não cabem em si de contentamento; também eu hoje rejubilei ao saber a notícia. Sempre e por tudo seja Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo». E um rôr de ruas desfilam diante dos nossos olhos: «a Rua 7 do Bairro do Restelo, a R. Nova de S. Mamede (é um vicentino com um braço de deles para seus Po-

bres). Lisboa não pára: J. Afonso, Eça de Queiroz, Morais Soares, Ladislau Piçarra são nomes pronunciados por muita gente. A Av. António A. de Aguiar aparece por cá muito a miúdo. A R. de Infantaria I e a Av. dos Combatentes vão aqui em paz. O Liceu de D. Filipa de Lencastre segue briosamente com a sua M. P. F. Desta vez foram 16 chales. E Lisboa não mais termina: é a R. de Moçambique (desde Fevereiro que não tornou a aparecer!) e a Calçada dos Mestres e a Praceta de S. Domingos e o Largo da Graça. E mais e mais e mais.

De Lamego estas palavras lindas: «Pela graça de Deus tenho um filho para nascer e eu queria que, desde o berço, sentisse o calor e o agasalho proporcionado por uma obra de Pobres».

Mafamude continua a ajudar-nos. Estarreja, Seixal e Alijó seguem a-par-de Barcelos, Campo de Besteiros e Caldas da Rainha. A Conferência de Souto da Carpalhosa reparte connosco. Monte Estoril, uma vez mais, por cá. Padre Baptista, de Beire, vem por meia dúzia para suas Pobres. Um Missionário de Cucujães esteve aqui em serviço de pregação. Viu-os e fez sua encomenda. Viu a Casa das Tecedeiras a subir e mandou das suas economias.

E Portugal continua a desfilar: é Ovar, terra dos chales, mai-lha Murtosa que vêm aos nossos. Castro Marim e Cinfães, Pedrógão de S. Pedro e Penamacor, Castro Daire e Vila Flor, Carlão e Madalena, Vilar do Paraíso e Coimbra.

Do Porto, segue, ainda, o Liceu de D. Carolina Michaelis com algumas encomendas. Nossos chales estão lá em exposição.

A Régua sabendo da falta de trabalho em Ordins, enviou 400\$ e estas linhas: «sinto-me na obrigação moral de contribuir para o término dessas férias, encomendando três chales dos maiores». Da capital outro tanto «para comprar alguns chales que destinará a pobrezinhas, ou para a ajuda da construção da Casa das Tecedeiras, ou para qualquer outro fim que V. entender melhor». Esqueci-me de tudo pelas tecedeiras e lá foram os nossos chales agazalhar quatro raparigas do refúgio da Divina Providência em Fátima.

A Casa das Tecedeiras vai-se aproximando do fim e o déficit vai, pois, em aumento crescente. Penafiel com 100 e o Porto com outro tanto. Quem desta cidade nos deu mogno africano tornou com mais. A Covina trouxe o vidro e livrou-me de aflições. Leça da Palmeira, com palavras amigas, tubos metálicos. Do Porto e Valongo, colas; de Matozinhos, mosaicos.

Agora os Senhores atendam o Manuel Pinto:

«Senhor Padre, escreva na sua crónica para enviarem tudo para aí. Dinheiro, encomendas, muitas encomendas, e muito mais coisas». Assim tudo se simplificaria. Esperamos.

Padre Aires

BELÉM

«Uma casa de família para as sem família».

as agulhas e o dedal e a cuidar das suas roupas. Há ainda uma rapariga do Porto que, encontrando-se a passar uma temporada em Viseu, vem dar a lição de catecismo às «belenitas» e prepará-las para a primeira comunhão. Temos também o comerciante da cidade, a suprir a nossa inexperiência em contratos e compras e que eu considero o braço direito de S. José. E mais, muito mais!

Sempre foi aspiração minha fazer de Belém uma Obra em que pudessem colaborar as pessoas que sentissem tal devoção. O que eu não esperava é que tão cedo isso viesse a acontecer.

Benvindos sejam todos os que vierem por bem!

Sempre lhes responderemos como S. Pedro a Jesus, quando, na noite de Quinta-Feira Santa, Ele lavou os pés aos apóstolos e lhes enxugou:

«Senhoras, Senhores, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça!»

Há tantas feridas da alma e do corpo a curar!

Tantos problemas delicados a resolver!

Pois serão aquelas e aqueles que acompanharem de perto o desenvolvimento da Obra e sentirem connosco as dificuldades do presente e do futuro, é que há-de ajudar-nos a preparar o ambiente necessário à salvação de tanta menina abandonada à pior das sortes.

Queremos ainda registar a visita das raparigas da M. P. do Grande Colégio Português, acompanhadas da sua Instrutora. Trouxeram, além da sua mensagem de alegria, uma boa mensura para as «belenitas». Mais uma camisola para cada uma. Foi uma tarde de alegria que elas ainda não esqueceram.

Visitou-nos também o Senhor Governador Civil e Ex.ma Espoza. Sua Ex.ª tem ajudado Belém a vencer as dificuldades do começo e alegra-se com os seus progressos.

Por tudo, bem hajam!

Inês — Belém — Viseu

PATRIMÓNIO

AINDA este ano não deitara balanço ao movimento do Património. Fácil e singelo balanço, que diz da vitalidade da Obra e, ainda mais, da misericórdia infinita do Coração de Deus, que não deixa fatigar a limitada misericórdia dos corações humanos.

Júlio apresenta a conta de saídas em 31 de Maio: 628 contos. Escusado de apresentar a conta das entradas, que anda ela por ela.

Já aqui temos dito mais vezes, mas não cansa repetir e é bom alimento da Fé.

Entrámos em 1959 quase sem dinheiro. Temos permanecido sempre sem dinheiro. Um dia, Júlio solta o alarme:

«Alto com os cheques! Diga a Padre Horácio... — não vá passá-los sem cobertura».

O período que seguiu à partida de Pai Américo trouxe-nos uma enchente — a euforia. Agora Deus está-nos ensinando experimentalmente que as Suas Obras se fazem «a fio de água». Nada de barragens, de acumulação de grandes fundos. A Sua Providência não sofre soluções de continuidade. Na hora própria virá o que é preciso.

E nós somos testemunhas e tornamos os nossos leitores co-testemunhas de que assim é. Na medida que tem sido preciso, tem vindo o preciso: à média mensal de 126 contos.

E tudo isto do Povo. Donativos pequenos ou maiores, conforme as posses... Sempre migalhas.

Que as grandes verbas anunciadas ainda nenhuma delas chegou.

Bendito seja Deus!

Embora não tenhamos saído tanto como nos mais anos — pois conhecemos já o trabalho de quase todas as paróquias em actividade — não julgamos pelo nosso silêncio que a agenda está em branco. Ele tem sido entregado quase todos os domingos.

O ano começou logo activamente em 1 de Janeiro: Fornos de Castelo de Paiva — quatro casas.

Depois as duas Leças, do Balio e da Palmeira, Majamude, Alfândega da Fé, Valadares, Recarei, Amarante, Gondarém, Paço de Sousa, Perre, Lamego, Fânzeres, Torredeita, Travanca, Astromil, Paredes da Beira, Mondim, Medrões, Bilhó, Avintes, Alijó — estão em plena actividade. Isto nas dioceses do norte,

que nas do sul Padre Horácio tem dado notícias e continuará, se Deus quiser.

E a mais paróquias se pega o fogo. «Chaves vai dar início, pois a população não pode ser indiferente à obra que se agiganta por todo o País».

Em outras paróquias está tudo

com a ajuda dos mestres d'obras cá da terra, com um auxílio de 3.500\$00 por casa, oferecidos pela Câmara, com 14.000\$00 colhidos pela freguesia, com a oferta de árvores e o mais que se seguiria após o começo das obras, mas, falta-nos a base. Não há quem ofereça um pedaço de terra ao sol. Ao cabo de 3 anos de lutas sem tréguas, conseguimos que uma casa muito rica nos oferecesse um bocado de terreno no meio de pinheiros, onde o sol espreitará uma hora por

veria com os olhos e ouviria com os ouvidos o que não podemos explicar por carta».

Lá fui. O terreno de que se fala acima aconselhei a regeitar.

O Património é Obra de tirar gente de buracos, não de metê-la lá. É Obra que a Mãe Igreja destina a Cristo sofrendor nos seus membros místicos: «O que fizeres ao mais pequenino dos meus irmãos... é a Mim».

Ora a Cristo não se dá os restos que não servem para mais nada. Preferível não dar nada a ultrajar. Por isso aconselhei a rejeição.

Na volta que dei com os Vicentinos vimos muitos bocaditos que renderiam muito mais para a vida eterna aos seus moradores, do que renderão para esta vida ao metro quadrado.

Batemos a portas. Nada.

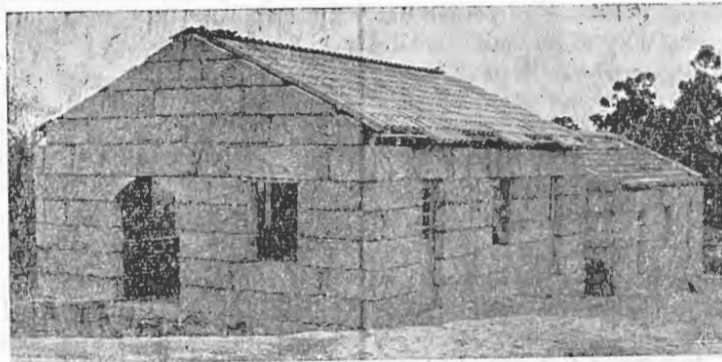
Vim triste. A terra de Moreira da Maia não pode ser abençoada.

Há outra terra, a vila de Monção, onde a obra encravou há muitos anos. Pai Américo ainda protestou porque há dinheiro e esse em caixa. Eu já lá fui e tornei a protestar.

Houve esperanças de que tudo se arranjasse. Chegou mesmo a aparecer terreno. Afinal, o amor próprio de umas piedosas senhoras, tem sido mais forte que o amor do próximo, que a Lei de Deus preceitua.

E hoje só queremos mais dar notícias de Guimarães. São quatro casas a subir na freguesia da Costa, «em terreno junto à estrada de acesso à Penha, sendo visíveis da estrada, com muito

DOS POBRES

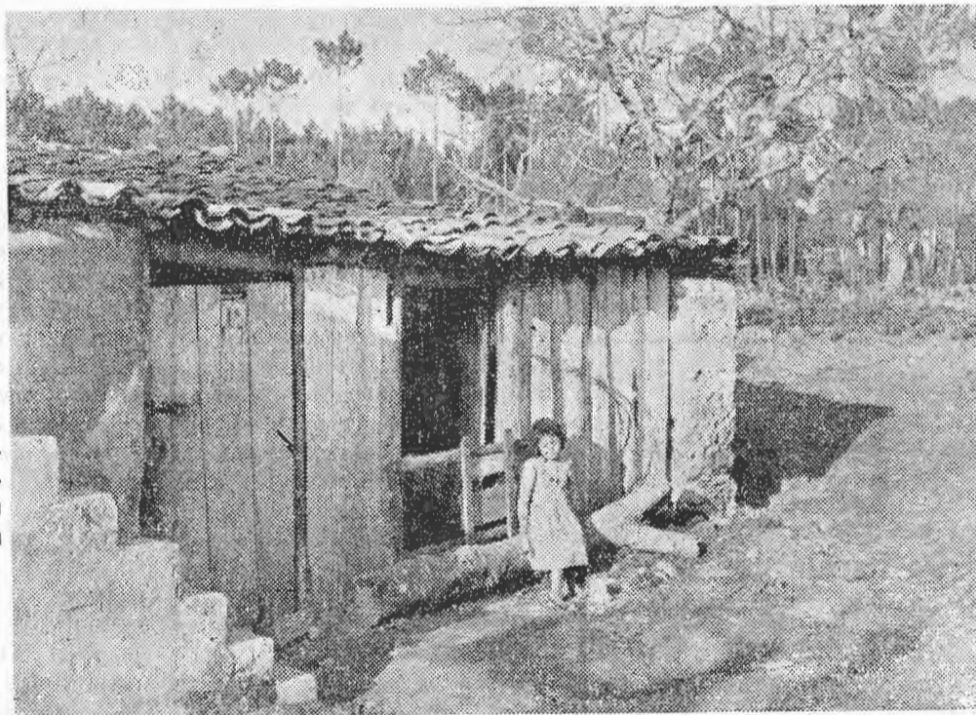


Atenção freguesia da Costa, Guimarães. Não é tarde nem cedo. Agora. Fala bem alto para que todos ouçam e o Pobre entre no que é seu!

pronto para começar mas mantém-se de pé o difícil obstáculo da falta de terreno. Ouçam este lamento, um lamento muito doloroso de que eu sou testemunha de presença:

dia. Aceitamos o terreno, mas, atendendo ao lugar, não era nada da nossa vontade construir ali. A família que fez a oferta espera que decidamos. Há quem nos aconselhe a construir e há

Nestas barracas o homem não vive, vegeta. A terra com ervas daninhas não fecunda. Portugal não será um canteiro de flores. A pátria do verde mar. O sol será sempre pálido, enquanto no seu céu flutuarem estas nuvens!



«Por favor, aceite mais um desabafo dos vicentinos de Moreira da Maia e ajude-nos a solucionar um problema que nos traz embaraçados há já 3 anos e que por falta de colaboradores à altura, ainda não está resolvido. Desejávamos construir casas para Pobres. Para tal, contamos

quem aconselhe ao contrário. Que fazer?

Ora, é a esta pergunta que desejávamos uma resposta, que só V.ª Rev.ª nos poderá dar. Por Deus, ajude-nos Snr. Padre Carlos. Tire-nos desta aflicção. Se entender que nos deve fazer uma visita, isso então, óptimo, porque

movimento de turistas, especialmente na época que agora entrou». São mais duas na freguesia de Azurém e outras tantas em Ronfe.

«Assim — diz o nosso correspondente — 4+2+2=8 casas a inaugurar brevemente. Com as 6 já inauguradas temos 14 casas. Não será muito para um concelho importante e industrial como o de Guimarães, mas é, e isso consola os membros da Comissão que se votou a tal tarefa, uma ajuda para a resolução dos problemas, tão vivos, da habitação em zona fortemente industrializada».

Ora eu aproveito para denunciar o pacto de Pai Américo: «Quando chegarem às 10, eu dou a Casa Dqnim». Ela cá está esperando por vós. E viva a Comissão do Património dos Pobres de Guimarães!

Facetas

continuação da página um

O Snr. Cónego Tomás F. Pinto tinha pois ao nosso dispor uma grafonola. Ora, numa tarde em que girava um disco com uma valsa, Américo agarra uma enxada, faz dela o seu par e dançou com tal primor, que nós todos ficamos suspensos de admiração.

Foi com ele que aprendi a palavra «pitéu»; foi feita por ele a primeira salada de tomate que comi; e com ele é que aqueles púcaros de esmalte que serviam à água, vinho, café, etc., ficaram consagrados com o nome «adómnias» — para tudo...

TRIBUNA

Continuação da página um

★

Enquanto reparava em tanta gente à espera, pedi para falar ao Senhor Doutor. Recebeu-me com um sorriso amigo e franco. Na sua frente tinha «O Gaiato». Disse o que ali me levava. Levantou-se prontamente e foi tratar. Não chamou ninguém. Foi ele mesmo e pagou. Voltou e ateimou para que eu me sentasse. Conversámos. Choque de almas. Aproveitou a ocasião para pagar o trimestre da sua assinatura. Contou-me, com muita simplicidade, porque fora assim. Alguns anos pagava anualmente. A sua situação económica melhorava e sentiu-se na obrigação de dar mais. De três em três meses manda uma quantia e compra ainda sempre o jornal ao vendedor que por ali passa. Senti muita vontade de lhe beijar as mãos. Senti a presença de Deus naquela alma grande que o profissionalismo de tantos anos não corrompeu. Saí cheio de respeito e com vontade de ser melhor. Fez-me bem aquele choque.

De regresso à minha vida, já na rua, apetece-me gritar que ainda há Homens, com letra grande. São raros, mas ainda os há. Estamos tão afeitos ao egoísmo, que nos assombramos com alguém que cumpre o seu dever. A maior parte pensa em encher-se. Encher até rebentar. Quanto mais, melhor. Há tantos colossos por esse Portugal fora e andam a fazer grandes discursos, em grandes assembleias, e até em assembleias cristãs e recebem muitas palmas, mas deixam os corações e as almas vazias.

★

Há dias ouvi na rua alguém a dar a notícia dum livramento na inspecção militar: se o filho não livrasse, a mãe morria de desgosto; só tem aquele.

Fiquei a pensar nos filhos únicos e nas cunhas; dois grandes males do nosso tempo.

Nos bancos do Seminário aprendi que podia ir lesar a justiça um pedido desta ordem. Para que os que têm saúde e são bem constituídos fiquem livres, poderão ter de ficar apurados outros com menos condições.

Padre Horácio

Visado pela
Comissão de Censura



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES